

降世神通
AVATAR
A LENDA DE AANG.

**A ASCENSÃO DE
KYOSHI**

F.C. YEE

COM O COCRIADOR DE
AVATAR: A LENDA DE AANG
MICHAEL DANTE DIMARTINO

 Planeta

降世神通
AVATAR

A LENDA DE AANG

A ASCENSÃO DE
KYOSHI

F. C. YEE COM O COCRIADOR DE
AVATAR: A LENDA DE AANG
MICHAEL DANTE DIMARTINO

Tradução

Paloma Blanca Alves Barbieri

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor ou usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou locais é mera coincidência.

© 2022 Viacom International Inc. Todos os direitos reservados.

Nickelodeon, Nickelodeon Avatar: A lenda de Aang e todos os títulos, logotipos e personagens relacionados são marcas registradas da Viacom International Inc.

© Editora Planeta do Brasil, 2022

Copyright da tradução © Paloma Blanca Alves Barbieri

Título original: *The Rise of Kyoshi*

Publicado em 2019 pela Amulet Books, selo da ABRAMS.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos.

Preparação: Karina Barbosa dos Santos

Revisão: Bárbara Prince

Diagramação: Vivian Oliveira

Projeto gráfico: Adaptado do projeto gráfico original

Capa: Hana Anouk Nakamura

Adaptação de capa: Beatriz Borges

Imagens de capa: Jung Shan Chang

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Yee, F. C.

A ascensão de Kyoshi / F. C. Yee, Michael Dante DiMartino ;
tradução de Paloma Blanca Alves Barbieri. - São Paulo : Planeta do
Brasil, 2022.

384 p. (Coleção Avatar; a lenda de Aang)

ISBN 978-65-5535-775-2

Título original: *The Rise of Kyoshi*

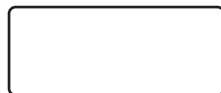
1. Literatura infantojuvenil I. Título II. DiMartino, Michael Dante III.
Barbieri, Paloma Blanca Alves IV. Série

22-2028

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação

São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA



O TESTE



PORTO YOKOYA era uma cidade fácil de ignorar.

Situada na orla do Estreito Cauda de Baleia, *poderia* ter sido um importante ponto de reabastecimento para navios que saem dos muitos portos que abasteciam Omashu. Mas os ventos fortes e constantes tornaram muito mais fácil e rentável para os comerciantes do sul passarem direto por ela e chegarem à Ilha Grande de Shimsom em uma viagem sem escalas.

Jianzhu se perguntava se os habitantes locais sabiam ou se importavam com os navios carregados de riquezas que passavam por ali de forma tentadora, enquanto eles estavam com os braços atolados nas entranhas de outro peixe-elefante-koi. Apenas um ato do destino e o clima impediam que ouro, especiarias, livros valiosos e pergaminhos chegassem às suas portas. Em vez disso, seu destino eram tripas de peixe. Uma riqueza de vísceras e brânquias.

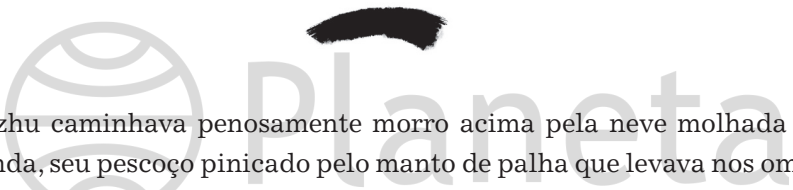
Do outro lado da cidade, a situação era ainda menos promissora. O solo da península se tornava mais fino e rochoso na medida em que se estendia para o mar. Jianzhu ficou perturbado ao ver campos de colheita tão pobres e escassos quando viajou pelo interior da cidade pela primeira vez. As fazendas precisavam muito da abundância selvagem e vulcânica do Vale Makapu ou da produtividade cuidadosamente planejada do Anel Externo de Ba Sing Se, onde o cultivo se dava de acordo com as exigentes determinações do rei. Mas aqui, o

agricultor deveria ficar grato por qualquer sustento que conseguisse obter dessa terra ruim.

O povoado ficava na intersecção de três nações diferentes – Terra, Ar e Água. No entanto, ninguém jamais o reivindicou. Os conflitos do mundo exterior tinham pouco impacto na vida diária dos yokoyanos.

Para eles, a devastação causada pela revolta dos Pescoços Amarelos no interior do Reino da Terra era uma história menos interessante que a do bisão voador rebelde que havia fugido do Templo do Ar e derrubado alguns telhados feitos de palha na semana anterior. Apesar de serem marinheiros, eles provavelmente não conseguiriam nomear nenhum dos temidos capitães piratas que navegavam nas águas ocidentais desafiando a marinha de Ba Sing Se.

Resumindo, Porto Yokoya poderia muito bem não estar no mapa. O que, para o terrível e ímpio experimento de Jianzhu e Kelsang, era perfeito.



Jianzhu caminhava penosamente morro acima pela neve molhada e imunda, seu pescoço pinicado pelo manto de palha que levava nos ombros. Passou por um pilar de madeira que marcava o centro espiritual da aldeia sem lhe dispensar um olhar. Não havia nada nas laterais, nem em cima. Era apenas um tronco enfiado no chão de um pátio circular. Não estava sequer esculpido com alguma decoração, o que era vergonhoso para uma cidade onde quase todos os adultos tinham conhecimento em carpintaria.

“Pronto”, a mensagem dizia, de má vontade, a qualquer espírito que estivesse por ali. “Espero que esteja feliz.”

Casas castigadas pelo tempo margeavam a avenida larga e desgastada, cutucando o ar como pontas de lança. O destino dele era uma sala de reuniões de dois andares, no fim daquela rua. Kelsang havia se instalado lá no dia anterior, dizendo que precisava do máximo de espaço possível para o teste. Ele também tinha afirmado que o local desfrutava de correntes de vento favoráveis, usando o solene e sagrado método de lamber um dedo e apontá-lo para cima.

Qualquer ajuda era bem-vinda. Jianzhu fez uma oração rápida para o Guardião do Tronco Divino, enquanto tirava as botas próprias

para neve e as colocava na varanda, e então atravessou as cortinas da porta.

O interior do salão era surpreendente de tão grande, com cantos distantes envoltos em sombras e paredes de tábuas grossas que pareciam ter sido cortadas de árvores enormes e maciças. O ar tinha cheiro de resina. Dez vestimentas amarelas, bem compridas e desbotadas, repousavam sobre as tábuas gastas do assoalho. Uma fileira de brinquedos estendia-se ao lado de cada uma, uniformemente espaçados, como sementes em um canteiro.

Um apito de bisão, uma bola de vime, um objeto deformado que deve ter sido um pato-tartaruga empalhado, uma mola de osso de baleia, um daqueles tambores que fazem barulho quando girados entre as palmas das mãos. Os brinquedos estavam tão surrados e deteriorados pelo tempo quanto o exterior daquele lugar.

Kelsang se ajoelhou nas extremidades das vestimentas. O monge dominador de ar estava ocupado colocando mais bugigangas, com tanto cuidado e precisão que mais parecia um acupunturista manipulando suas agulhas. Como se fizesse diferença se o barco de brinquedo estivesse apontando para o leste ou oeste. Ele ficou apoiado em seus joelhos e suas mãos, movimentando o grande corpo de um lado para o outro. Sua túnica alaranjada esvoaçante e a espessa barba negra pendiam tão para baixo que varriam o assoalho que já estava limpo.

— Eu não sabia que havia tantos brinquedos — disse Jianzhu a seu velho amigo. Ele notou uma grande bolinha de gude branca perto de um dos tecidos e, estendendo graciosamente o punho, levitou-a, mostrando sua dominação de terra, em direção a Kelsang. Ela pairava como uma mosca, à espera de sua atenção.

Kelsang sequer ergueu o olhar enquanto pegava a bolinha de gude do ar e a colocava onde estava antes.

— Há milhares. Eu pediria sua ajuda, mas sei que você não faria o serviço direito.

O comentário não agradou Jianzhu. Nesse ponto, eles não deveriam se preocupar tanto em *fazer direito*.

— Como você convenceu o abade Dorje a lhe dar as relíquias? — ele perguntou.

— Da mesma forma que você convenceu Lu Beifong a nos deixar realizar o teste dos Nômades do Ar no Ciclo da Terra — Kelsang disse calmamente enquanto posicionava um tampo de madeira. — Eu não pedi.

Como um certo amigo deles da Tribo da Água sempre dizia, era melhor pedir perdão do que permissão. E, no que dizia respeito a Jianzhu, o tempo de espera já havia se passado.

Quando o Avatar Kuruk, guardião do equilíbrio e da paz no mundo, a ponte entre os espíritos e os humanos, faleceu aos trinta e três anos — *Trinta e três! A única vez que Kuruk se adiantou em alguma coisa!* — seus amigos, mestres e outros dominadores proeminentes ficaram responsáveis por encontrar o novo Avatar, reencarnado na próxima nação do ciclo elementar. Terra, Fogo, Ar, Água e, depois, Terra novamente, uma ordem tão imutável quanto as estações. Um processo que remonta a quase mil gerações antes de Kuruk, e que se espera que continue por mais mil.

No entanto, desta vez, o processo falhara.

Já haviam se passado sete anos desde a morte de Kuruk. Sete anos de uma busca sem resultado. Jianzhu se debruçara sobre todos os registros disponíveis das Quatro Nações, mas nunca havia sido registrada na história qualquer falha na busca pelo Avatar, em centenas de anos.

Ninguém sabia o motivo, embora os anciãos mais proeminentes fizessem algumas suposições em segredo. O mundo era impuro e havia sido abandonado pelos espíritos. O Reino da Terra carecia de harmonia, ou talvez fossem as Tribos da Água que precisavam se unificar. Os dominadores de ar tiveram que descer de suas montanhas e sujar as mãos em vez de apenas aconselhar. E assim o debate continuou.

Jianzhu pouco se importava em achar um culpado, mas se preocupava com o fato de que ele e Kelsang haviam decepcionado o amigo novamente. O único pedido de Kuruk antes de partir do mundo dos vivos fora que seus companheiros encontrassem o próximo Avatar e o treinassem bem. Mas até então eles haviam falhado. Miseravelmente.

Neste exato momento, deveria haver um Avatar da Terra de sete anos, feliz e cheio de vitalidade, sob os cuidados de uma família amorosa, vigiado por uma equipe com os melhores e mais sábios dominadores do mundo. Uma criança em treinamento, preparando-se

para assumir seus deveres aos dezesseis anos. Em vez disso, havia apenas um posto vazio que se tornava mais perigoso a cada dia.

Jianzhu e os outros mestres fizeram o possível para manter em segredo a falta de um Avatar, mas não adiantou. Os malvados, os sedentos de poder, os fora da lei – as pessoas que normalmente mais temem o Avatar – estavam começando a sentir a balança pendendo a seu favor. Como os tubarões respondendo às mais leves vibrações da água por puro instinto, eles testavam seus limites. Sondavam novos terrenos. O tempo estava se esgotando.

Kelsang terminou de organizar tudo quando soaram os gongos do meio-dia. O sol estava forte o suficiente para derreter a neve do telhado, fazendo a água gotejar no chão como uma chuva fraca. As silhuetas dos aldeões e de seus filhos enfileirados para o teste podiam ser vistas do lado de fora através das janelas. O ar estava preenchido por conversas animadas.

Chega de esperar, pensou Jianzhu. A hora é agora.

Os Avatares da Terra eram identificados tradicionalmente pela geomancia¹ direcional, uma série de rituais criados para filtrar a maior e mais populosa das Quatro Nações com extrema eficiência. Cada vez que um conjunto especial de trigramas² feito de ossos era lançado e interpretado pelos mestres dominadores de terra, metade do Reino da Terra era descartada como a localização do Avatar recém-nascido. Quando lançado novamente, considerando o território restante, outra metade era descartada. E assim por diante. O possível paradeiro da criança que seria o Avatar se tornava cada vez mais específico, até que os buscadores chegassem à sua porta.

Era uma maneira rápida de cobrir todo o terreno e bastante lógica para os dominadores de terra. Uma questão de logística, simples e imparcial. E normalmente funcionava na primeira tentativa.

1 “Adivinhação através das figuras formadas por um punhado de terra que se atira ao acaso sobre o chão ou qualquer outra superfície.” (Houaiss) (N.T.)

2 Desenhos formados por três linhas horizontais que correspondem às oito possibilidades de combinação de *yin* e *yang*. (N.T.)

Jianzhu havia participado de expedições que o levaram a campos improdutivos, cavernas vazias abaixo de Ba Sing Se e algumas partes do Deserto de Si Wong, tão secas que não eram importantes nem para os dominadores de areia. Lu Beifong havia lido os trigramas, o Rei Buro de Omashu fizera uma tentativa, Neliao, a jardineira, havia tentado também. Os mestres deram oportunidades para outros que estavam abaixo na hierarquia de dominadores de terra, até que Jianzhu também teve sua vez de falhar. Sua amizade com Kuruk não lhe deu nenhuma vantagem quando se tratou de encontrar o próximo Avatar.

Depois que a última tentativa o colocara diante de um iceberg no Polo Norte, com apenas focas-tartaruga como possíveis candidatas, Jianzhu se abriu para sugestões mais radicais. Durante uma troca de lamentos com Kelsang, em um momento de embriaguez, surgira uma ideia promissora. Se as estratégias adotadas no Reino da Terra não estavam funcionando, por que não tentar o método de outra nação? Afinal, o Avatar, o único dominador dos quatro elementos, não era um cidadão que servia ao mundo inteiro?

Foi por isso que os dois torceram o nariz para a tradição e resolveram tentar o modo dos Nômades do Ar para identificar o Avatar. Yokoya seria um teste, um lugar seguro longe do tumulto da terra e do mar, onde ambos poderiam tomar notas e corrigir possíveis falhas. Se corresse tudo bem em Yokoya, eles poderiam convencer os anciões a expandir o teste por todo o Reino da Terra.

O método dos Nômades do Ar era simples, em teoria. Dos muitos brinquedos dispostos, apenas quatro pertenciam a Avatares de eras passadas. Cada criança de sete anos da aldeia seria trazida até a deslumbrante variedade de bugigangas. Aquela que fosse atraída para os quatro brinquedos especiais, em uma lembrança de suas vidas passadas, seria o Avatar renascido. Um processo tão elegante e harmonioso quanto os próprios dominadores de ar.

Em teoria.

Na prática, foi um verdadeiro caos. Um desastre nunca antes testemunhado pelas Quatro Nações.

Jianzhu não pensou no que poderia acontecer depois que as crianças reprovadas no teste fossem instruídas a deixar os brinquedos escolhidos para trás e dar lugar para o próximo candidato. Lágrimas! Lamentos, gritos! Tentar tirar das crianças os brinquedos que elas

tinham acabado de escolher? Não havia força maior no mundo do que a fúria de um pequenino ao ser enganado.

Os pais eram piores. Talvez os Nômades do Ar lidassem com a rejeição de suas crianças com graça e humildade, mas as famílias das outras nações não eram formadas por monges e freiras. Ainda mais no Reino da Terra, onde os laços de sangue eram levados muito a sério. Os aldeões com os quais ele havia compartilhado saudações amistosas nos dias que antecederam o teste se tornaram ferozes rastejadores do cânion quando souberam que seu precioso Jae ou sua querida Mirai não era, de fato, a criança mais importante do mundo, como eles secretamente consideravam. Alguns, inclusive, juravam terem visto seus filhos brincarem com espíritos invisíveis ou dominarem a terra e o ar ao mesmo tempo.

Kelsang perguntava gentilmente:

— Tem certeza de que seu filho não estava apenas dominando a terra em um dia com vento? Tem certeza de que o bebê não estava apenas... brincando?

Alguns não conseguiram entender a insinuação. Especialmente a líder da aldeia. Assim que descartaram sua filha – Aoma, ou algo assim –, ela lhes lançou um olhar de profundo desprezo e exigiu ver um mestre de maior escalão.

Desculpe, senhora, Jianzhu pensou, depois que Kelsang passou quase dez minutos conversando com ela. *Nem todos podemos ser especiais.*



— Pela última vez, eu não estou negociando com o senhor! — Jianzhu gritou com um agricultor bastante bruto. — Ser o Avatar não é uma função paga!

O homem troncudo encolheu os ombros.

— Isso é uma perda de tempo então. Vou levar minha filha embora.

Com o canto do olho, Jianzhu viu Kelsang agitando freneticamente as mãos, fazendo um sinal de corte no pescoço. A garotinha tinha se aproximado de um brinquedo voador que havia pertencido a um antigo Avatar e o observava atentamente.

Uau. Eles não estavam esperando um resultado genuíno naquele dia. Mas escolher o primeiro item corretamente já era improvável. Tão improvável que eles não poderiam perder aquela chance.

— Tudo bem! — disse Jianzhu. Ele teria que tirar do próprio bolso.
— Cinquenta moedas de prata por ano se ela for o Avatar.

— Sessenta e cinco moedas por ano se ela for o Avatar, e dez se ela não for.

— POR QUE PAGAR SE ELA NÃO FOR O AVATAR? — Jianzhu se exaltou.

Kelsang tossiu e bateu ruidosamente no chão. A garota tinha pegado o cata-vento e estava de olho no tambor. Dois dos quatro brinquedos corretos. Entre milhares.

Santo *Shu*.

— Quero dizer, é claro! — disse Jianzhu rapidamente. — Fechado.

Eles apertaram as mãos. Seria irônico, uma piada digna do senso de humor de Kuruk, se encontrassem sua reencarnação graças à ganância de um camponês. E justamente a última criança na fila do teste. Jianzhu quase riu.

Agora a garotinha também tinha o tambor nos braços. Ela caminhou até um macaco-porco empalhado. Kelsang estava em completa empolgação, seu pescoço ameaçando romper o colar de bolinhas de madeira. Jianzhu sentiu tontura. A esperança bateu forte em seu peito, implorando para ser libertada após tantos anos presa.

A garota levantou o pé e pisou no bicho empalhado com toda a sua força.

— Morra! — gritou com sua voz aguda. Ela o esmagou com o calcanhar, e as costuras se rasgaram, fazendo muito barulho.

A luz se apagou do rosto de Kelsang. Ele parecia ter testemunhado um assassinato.

— Dez pratas — disse o camponês.

— Saia! — Jianzhu vociferou.

— Vamos, Suzu — falou o camponês. — Vamos embora.

Depois de arrancar os outros brinquedos da carniceira de macaco-porco, Jianzhu pegou a garota e saiu porta afora, nada além de uma transação comercial. Ao passar, ele quase caiu sobre outra criança que espiava o teste do lado de fora.

— Ei! — Jianzhu disse. — Você esqueceu sua outra filha!

— Essa não é minha — respondeu o camponês enquanto descia os degraus para a rua. — Ela não é de ninguém.

Uma órfã então? Jianzhu não tinha avistado a garota desacompanhada pela cidade nos dias anteriores, mas talvez ele a tivesse ignorado, achando que era velha demais para ser uma candidata. Ela era muito, muito mais alta que as outras crianças que foram trazidas pelos pais.

Quando Jianzhu se aproximou para examinar a garota, ela tremeu, ameaçando fugir, mas sua curiosidade foi maior que o medo. Então, ela permaneceu onde estava.

Desnutrida, Jianzhu pensou, fazendo uma carranca e olhando as bochechas magras e os lábios rachados da menina. *E definitivamente órfã*. Ele tinha visto centenas de crianças como ela nas províncias do interior, onde os fora da lei *daofei* não eram controlados. Os pais delas eram assassinados por grupos de bandidos que tentavam dominar o território. Ela devia ter vagado muito até chegar à região relativamente pacífica de Yokoya.

Ao ouvir sobre o teste para Avatar, as famílias da aldeia vestiram suas crianças elegíveis com as melhores roupas, como se fosse um dia de festa. Mas esta menina usava um casaco surrado, com os cotovelos aparecendo nos buracos das mangas. Seus pés enormes ameaçavam arrebentar as tiras das sandálias que mal lhe serviam. Nenhum dos camponeses locais a estava alimentando ou vestindo.

Kelsang, que apesar de sua aparência assustadora sempre foi melhor com as crianças, juntou-se a eles e se abaixou. Com um sorriso, ele deixou de ser uma montanha alaranjada intimidadora e se tornou uma versão gigante dos brinquedos de pelúcia atrás dele.

— Ei, olá! — disse, colocando uma dose extra de amizade em sua voz bruta. — Qual é o seu nome?

A garota fez uma longa e cautelosa pausa, avaliando-os.

— Kyoshi — ela sussurrou. Suas sobranceiras se apertaram, como se revelar o nome fosse uma dolorosa concessão.

Kelsang a recebeu, em seu estado esfarrapado, e evitou falar sobre seus pais por enquanto.

— Kyoshi, quer um brinquedo?

— Tem certeza de que ela não é velha demais? — questionou Jianzhu.

— Ela é maior do que alguns dos adolescentes.

— Fique quieto! — disse Kelsang. Ele fez um gesto vasto, apresentando o salão repleto de relíquias, para o proveito de Kyoshi.

A revelação de tantos brinquedos de uma só vez tivera um efeito fascinante na maioria das crianças. Mas Kyoshi não suspirou, nem sorriu. Sequer mexeu um músculo. Em vez disso, manteve contato visual com Kelsang, até ele piscar.

Tão rápido como um chicote, ela escapuliu dele, pegou um objeto do chão e correu de volta para onde estava na varanda. Ela avaliou a reação de Kelsang e Jianzhu tão atentamente quanto eles a observavam.

Kelsang olhou para Jianzhu e inclinou a cabeça para a tartaruga de barro que Kyoshi segurava no peito. Uma das quatro relíquias verdadeiras. Nem um único candidato havia se aproximado dela naquele dia.

Eles deveriam estar tão entusiasmados por ela como ficaram pela pequena e malvada Suzu, mas o coração de Jianzhu estava cheio de dúvidas. Era difícil acreditar que teriam tanta sorte depois da rasteira que haviam levado.

— Boa escolha — disse Kelsang —, mas tenho uma surpresa pra você. Você pode escolher mais três! Quatro brinquedos, todinhos para você! Não gostaria disso?

Jianzhu sentiu uma mudança na postura da menina, um tremor em seu corpo que ecoava pelo assoalho de madeira.

Sim, ela gostaria muito de mais três brinquedos. Que criança não gostaria? Mas, na mente dela, a promessa de *mais* era perigosa. Uma mentira concebida para magoá-la. Se ela desviasse a atenção do único prêmio que tinha em mãos, poderia acabar sem nada. Punida por acreditar na bondade deste estranho.

Kyoshi negou com a cabeça. As juntas dos seus dedos estavam brancas de tanto apertar a tartaruga de barro.

— Está tudo bem — disse Kelsang. — Você não precisa largar o brinquedo. Esse é o objetivo; você pode escolher outros... Ei!

A garota deu um passo atrás, depois outro e, antes que eles pudessem reagir, ela desceu correndo ladeira abaixo com a rara relíquia centenária Avatar nas mãos. No meio da rua, virou-se como uma fugitiva experiente que despistava um perseguidor e desapareceu no espaço entre duas casas.



Jianzhu fechou as pálpebras contra o sol. A luz veio através delas em manchas escarlates. Ele sentia o próprio pulso. Sua mente já estava em outro lugar.

Em vez de Yokoya, Jianzhu estava no centro de um vilarejo sem nome no interior do Reino da Terra, “recém-liberto” por Xu Ping An e pelos Pescoços Amarelos. Nesse devaneio, o fedor de carne podre envolvia suas roupas e os gritos dos sobreviventes assombravam o vento. Perto dele, um mensageiro oficial que chegou carregado em um palanquim lia um pergaminho, gastando incontáveis minutos para listar os títulos honoríficos do rei da Terra, antes de finalmente dizer a Jianzhu que reforços do exército de Sua Majestade *não* viriam ajudar.

Ele tentou se libertar da memória, mas o passado tinha lhe cravado farpas afiadas. Agora ele se sentava em uma mesa de negociações feita de gelo puro, e do outro lado estava Tulok, senhor dos piratas da Quinta Nação. O corsário mais velho soltou uma gargalhada destrutiva como resposta à ideia de que honraria a promessa do seu avô de deixar em paz o litoral sul do continente. Suas tossidas fortes espalharam sangue e catarro sobre os acordos esboçados pelas santas mãos da Avatar Yangchen, enquanto sua filha e tenente assistia a seu lado, com um olhar sem alma perfurando Jianzhu, como se ele fosse uma presa.

Nesses tempos, e em muitos outros, ele deveria estar do lado do Avatar. A autoridade suprema que poderia dominar o mundo de acordo com sua vontade. Em vez disso, estava sozinho. Enfrentando grandes feras da terra e do mar, cujas mandíbulas se fechavam e envolviam o reino na escuridão.



Kelsang o trouxe de volta ao presente com um forte tapa nas costas.

— Vamos lá — disse ele. — Com essa cara, as pessoas poderiam pensar que você acabou de perder o artefato cultural mais importante da *sua* nação.

O bom humor do dominador de ar e sua capacidade de enfrentar contratempos costumavam ser um grande conforto para Jianzhu, mas, naquele momento, ele queria mesmo era dar um soco na cara barbuda de seu amigo. Em vez disso, ele se recompôs.

— Temos de ir atrás dela — disse Jianzhu.

Kelsang franziu os lábios.

— Bom, seria maldade tirar a relíquia de uma criança que tem tão pouco. Ela pode se apegar àquilo. Vou voltar para o templo e enfrentar a ira de Dorje sozinho. Você não precisa se envolver.

Jianzhu não sabia como era a ira dos dominadores de ar, mas não era esse o problema.

— Você arruinaria o teste dos Nômades do Ar somente para fazer uma criança feliz? — perguntou, incrédulo.

— A relíquia encontrará o caminho de volta para onde pertence — respondeu Kelsang, olhando em volta e parando.

Então, seu sorriso desapareceu, como se a dura realidade do acontecimento estivesse só agora surtindo efeito.

— Eventualmente — ele suspirou. — Talvez.

